

Palestra com Radha Abramo

Dia 15 de setembro / 99,
às 20h, no Auditório do SESC

Radha Abramo abordará a questão da tecnologia da informação, nas suas variadas vertentes, que afeta diretamente a produção artística contemporânea. Trata-se de uma tentativa de demonstrar que os diversos meios de reprodução e multiplicação da criação artística atual correspondem à visão de mundo muito diferente das praticadas neste século.

A atividade terá o suporte de um vídeo de 8 minutos, composto de trechos de vídeo de Arte Pública (arte nos jardins, nos metrô, nas praças etc.) e uma exposição virtual de Arte Múltipla e de Reprodução de Arte, via computador, com obras de artistas de Ribeirão Preto.

16 • ARTISTAS RIBEIRÃOOPRETANOS

Bassano Vaccarini
Pedro Caminada Manuel-Gismondi
Francisco Amêndola
Judith Zuccolotto
Odilla Mestriner
Zéduardo Godinho
Waldomiro Sant'Anna
Olavo Senne
Dante Velloni
Regina Rennó
Adda Prieto
Geraldo Lara
Marcelo Guarnieri
Sílvia Velludo
Nilton Campos
Gabriel Figueiredo

mais 7 Artistas e Obras citados na palestra:

Antônio Peticov
Maria Amélia Botelho de Souza Aranha
Maria Bonomi
Meiri Levin
Renina Katz
Siron Franco
Tomie Ohtake

• Exposição virtual dos artistas ribeirãoopretanos no site:
<http://www.sescsp.com.br>

ALGUMAS PERGUNTAS MUITAS DÚVIDAS

Com a atual facilidade da intercomunicação, difícil discutir sobre características específicas da arte de Gênova, Montreal, São Paulo ou Tóquio. Haveria traços variáveis, significativos ou repetitivos nas culturas dos povos dos locais acima citados? E a vanguarda? Arte de Vanguarda! Não nos parece que a idéia de vanguarda e ela própria não têm mais razão de existir? Se os traços culturais se emaranharam entre si, como promover vanguardas? E a velocidade com que as palavras e as coisas trançam de um lado ao outro do mundo desgasta o conteúdo e a vestimenta das artes, antes, conhecidas como arte de vanguarda, ou seja, arte nova abrindo caminhos diferentes. Aparecendo algo novo, ao ser difundido, já fica velho e em desuso. Daí, cabe a cada artista pensar muito e produzir a sua obra, sem se preocupar com a arte dos outros.

Mas, com a inutilidade da vanguarda, tanto o artista como o fruidor da arte ficam livres da cobiça. Não há tempo para saborear a invenção do outro. Tudo é rápido demais. A novidade já chega atrasada, sem graça. O artista começa a prestar mais atenção ao que faz e passa a cuidar com mais carinho da execução de suas obras.

Percebe-se que o artista presta mais atenção às próprias idéias, volta-se para seus pensamentos com maior prontidão. Acredita mais em si, arrisca-se com maior cuidado porque persegue o traçado do rumo que ele mesmo traçou. Descarta o convívio artístico com muita gente e se distancia cada vez mais das facilidades aparentes.

Primeira contradição: o recolhimento do artista e a volta para dentro de si não reforçam a necessidade de grafar com firmeza a sua autoria, o seu nome na obra de arte realizada. Pois, grande maioria das obras de Arte Pública, dispostas em avenidas, parques, praças acabam perdendo a autoria, embora uma placa, ao pé da obra, exiba o nome do autor com letras claras. A imagem, o colorido, o motivo, até mesmo os materiais usados na construção dessas obras dificilmente são esquecidos ou confundidos. Muitas vezes o tema irá designá-las, como ocorreu com o Oswald, do Metrô República. Trata-se de grande peça de aço inoxidável, com jogo reflexo da imagem de Oswald de Andrade, comemorativa da Semana de Arte Moderna de 1922. A obra, de autoria de Antonio Peticov, serve de ponto de encontro no metrô.

Mas não será somente no caso da Arte Pública que o artista perde a sua importância pessoal e o seu poder de decisão. Será que daria certo preparar um programa de vendas no computador e pagar uma obra de arte, através do cartão de crédito? A rigor, toda arte exposta em programas de computador está sujeita a ser expropriada ou usada como presente. Expropriar, dizem, não significaria roubo, uma palavra vulgar. As gravuras têm a missão da multiplicação. Existem porque multiplicadas. Foram concebidas para esse fim. Não concordo com a exploração do trabalho dos gravadores. Além do mais, as obras de alguns artistas, como Renina Katz, elevaram a gravura brasileira a um patamar artístico de altíssima criatividade. E a xilo, além de multiplicável, transforma-se num molde, passando a ser um baixo-relevo ou até podendo configurar uma imponente obra tridimensional. Maria Bonomi não concebe, exclusivamente, a forma bi ou tridimensional; ela cava mais fundo, buscando a gênese do desenho com as suas propriedades de expansão formal e pluralidade genérica.

Todavia, o grande desenvolvimento das técnicas de reprodução introduz novos meios de criação na produção artística. Meiri Levin, por exemplo,

faz a transposição de figuras do álbum de família, em teias e nos portais, retratos de pedras, usando meios eletrônicos, fotos antigas, pigmentos, massa acrílica, papel, pó de mármore e celulose. Vários métodos e tipos de trabalho intercomunicam-se nos fazeres artísticos. A complexidade avança de acordo com o surgimento de novos produtos e invenções.

A obra de arte tem todas as possibilidades de reprodução. Uma delas é a plotagem, facilitando a impressão nas mais variadas superfícies e proporções. Logo mais, quando das mostras históricas, o empréstimo de obras de arte será mais fácil, tendo em vista que no lugar do pagamento de um seguro, sempre altíssimo, preferível será a plotagem da peça.

O gravador, sem dúvida, será o artista com maiores e mais amplas condições de engendrar toda a sorte de produção artística, nos próximos anos, porque cada vez mais ele tem acesso aos sempre mais novos processos tecnológicos de impressão e de reprodução. Acima de tudo, porque ele não opera com objetos únicos.

Hoje, a obra de arte única parece fazer parte do passado, convivendo mais com os museus, as coleções particulares, poucas, pelo alto custo de manutenção.

Curiosamente, nos últimos vinte anos, pelo menos, iniciou-se uma grande febre de obras tridimensionais. Algumas criavam espaços enormes em áreas de terra batida, construindo, simplesmente, um espaço, traçado pela mão do artista. Cristo, o artista romeno, empacotou habilmente inúmeras grandes obras de arte clássica ou romana, em vários países da Europa. Metais e resinas começaram a ser ambicionados pelos artistas, que não eram escultores, mas que se aventuravam no trabalho com três dimensões.

No Brasil, a obra de arte tridimensional encontrou grande campo de trabalho. Talvez porque há muito espaço incentivando o cultivo de troféus. Mas o fato é que, do Norte ao Sul do País, surgem obras de Arte Pública. E elas carecem de um trabalho de equipe, de profissionais especializados, de iluminação, fundações etc. Trata-se de uma arte de projetos, e como sempre tem grandes proporções, destina-se ao espaço urbano. Precisa do sol, da chuva, do sereno da madrugada. Ela convive com o universo exterior.

Há muito em comum entre a Arte Pública e a Arte de Reprodução, em especial, a gravura, que acaba sendo similar à arte tridimensional, porque ambas precisam do trabalho especializado de terceiros, cedo ou tarde ganham o anonimato e, acima de tudo, são interdependentes de novos materiais e de novas tecnologias.

A população crescente exige uma produção artística que esteja longe da produção de massa. Não há mais vanguardas, portanto, acabou-se a cobiça. Cada um fará o seu trabalho do jeito que entender, e o fará bem feito.

Como as moradias são cada vez menores e as paredes envidraçadas para a penetração da luz, será bem mais interessante partilhar de um apoio, um benefício, em favor de uma obra pública ou simplesmente adquirir uma gravura, ou uma plotagem. O homem tem sempre que conviver com um objeto que lhe agrade. Não escapa dele. Pode ser uma tira de papel colorida, um prego achado na rua ou uma obra de Francisco Brennand.

Radha Abramo

(São Paulo - 27 / 08 / 1999)

A ARTE BRASILEIRA

SE
SÃO

NO FINAL DO MILÊNIO

ESC
PAULO



Judith Zuccolotto



Pedro Caminada
Manuel-Gismondi



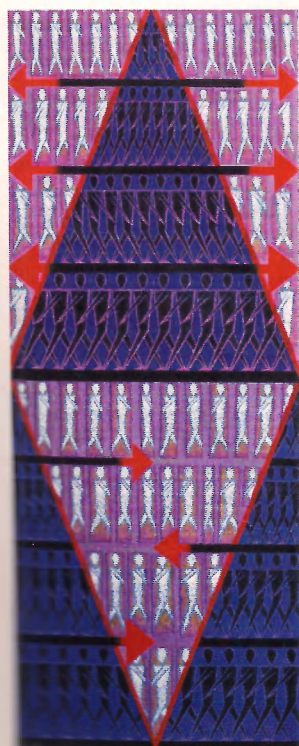
Rosane Vaccarini



Zé Eduardo Godinho



Nílton Campos



Otília Mestriner

ARTISTAS RIBEIRÃO PRETANOS



Geraldo Lara



Sílvia Velludo

Palestra
de Arte Brasileira
no Fênix do Milênio,
com Raul Abramo

Do 15 de setembro de 1999
Auditório Sesc Ribeirão Preto

Exposição virtual
<http://www.sescsp.com.br>

O SESC – Serviço Social do Comércio

convida para a palestra

A Arte Brasileira no Final do Milênio

com Radha Abramo

***Dia 15 de setembro / 99,
às 20h, no Auditório do SESC***

Radha Abramo abordará a questão da tecnologia da informação, nas suas variadas vertentes, que afeta diretamente a produção artística contemporânea. Trata-se de uma tentativa de demonstrar que os diversos meios de reprodução e multiplicação da criação artística atual correspondem à visão de mundo muito diferente das praticadas neste século.

A atividade terá o suporte de um vídeo de 8 minutos, composto de trechos de vídeo de Arte Pública (arte nos jardins, nos metrô, nas praças etc.) e uma exposição virtual de Arte Múltipla e de Reprodução de Arte, via computador, com obras de artistas de Ribeirão Preto como: *Bassano Vaccarini, Pedro Caminada Manuel-Gismondi, Francisco Amêndola, Judith Zuccolotto, Odilla Mestriner, Zéduardo Godinho, Waldomiro Sant'Anna, Olavo Senne, Dante Velloni, Regina Rennó, Adda Prieto, Geraldo Lara, Marcelo Guarnieri, Sílvia Velludo, Nilton Campos e Gabriel Figueiredo*.

Além disto, partilham da palestra obras de: *Antônio Peticov, M^{te} Amélia Botelho de Souza Aranha, Maria Bonomi, Meiri Levin, Renina Katz, Siron Franco e Tomie Ohtake*.

• **Radha Abramo** — Professora, historiadora, museóloga e crítica de arte. Faz parte da ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte e ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ambos da UNESCO, com sede em Paris. Participou de vários projetos de Arte Pública: Museu da Praça da Sé, Arte no Metrô de São Paulo, Jardim das Esculturas – Arquivo do Estado e da Cidade Universitária / USP, Projeto Museu dos Bandeirantes. Diretora artística: Centro de Artes Visuais – IDART. Curadora: Bienal de São Paulo, 1967; Bienal Nacional, 1974; Bienal de Veneza, 1986 e Acervo Artístico Cultural dos Palácios do Governo do Estado / SP, 1985-1998. Grupos de Trabalho – Capela de S. Pedro, Apóstolo, Memorial da América Latina, Museu Nacional de Brasília, entre outros.

Visite a exposição virtual dos artistas ribeirãopretanos no site:

<http://www.sescsp.com.br>, a partir de 15 de setembro

Os convites gratuitos devem ser retirados com antecedência na recepção do SESC, rua Tibiriçá, 50, de segunda a sexta-feira, das 13h30 às 21h30. Tel.: (0/xx/16) 610.0141.

IMPRESSO

**SESC
Ribeirão Preto**

Rua Tibiriçá, 50
CEP 14010-090 – Tel. (0/xx/16) 610.0141
<http://www.sescsp.com.br>
e-mail@ribeirao.sescsp.com.br